

## **MITO E LUGAR - PARTE IV**

**JOSUÉ COSTA\***

**Resumo:** O mito é um conceito cultural extremamente complexo, por isso trabalharemos com uma conceituação no sentido de compreender qual a relação que o mito estabelece com as atividades diárias e como ordenará o conjunto de valores de um grupo humano, pequeno, semi-isolado e que travará relações com o seu meio ambiente, que lhes serão próprias e fundamentais para sua sobrevivência. Tendo claro que não trabalhamos com uma comunidade primitiva ou selvagem, achamos que o debate na conceituação de mito deve ser flexível o suficiente para abranger o maior número de aspectos possíveis da cultura.

**PALAVRAS – CHAVE:** Conceito Cultural, Conceituação, Mito e Selvagem.

**ABSTRACT:** The myth is an extremely complex cultural concept, so we'll work with a conceptualization to understand what is the relationship that the myth establishes with daily activities and how ranks set of values of a human group, small, isolated and semi-that will break relations with their environment, they will own and fundamental to their survival. Having clear that do not work with a wild or primitive community, we feel that the debate on the conceptualization of myth should be flexible enough to cover the largest possible number of aspects of culture.

**KEYWORD:** Cultural Concept, conceptualization, Myth and wild.

O conflito estabelecido pelo IBAMA apresenta o confronto de dois mundos que não necessitam que um desapareça para que o outro exista. O projeto de preservação do ambiente do IBAMA não é capaz de vislumbrar tal possibilidade. A comunidade do Cuniã apresenta seus símbolos e significados construídos ao longo do tempo naquele ambiente, apresentam os elementos de seu "lugar".

O MITO DAS MATAS E DAS ÁGUAS: São bastante diversificadas as formas de representações simbólicas elaboradas por comunidades ribeirinhas. Procuraremos demonstrar o conjunto de símbolos e signos dos quais essas populações fazem uso rotineiro. São narrações míticas, elementos mágicos, criados ao longo da convivência e interação com o meio ambiente e passados de geração a

geração. Os limites entre a fantasia e a realidade confundem-se, formando um conjunto cultural extremamente rico.

Não é objetivo do trabalho realizar um estudo sobre a estrutura do mito, nem tampouco pesquisar suas origens. Os mitos, contos aqui relatados, foram coletados a partir de observações de várias conversas com diferentes moradores da localidade. Tendo o mito como elemento participante na construção do lugar, procura-se compreender o imaginário dessa população ribeirinha, que através de sua percepção coletiva ou individual, elabora um conjunto de explicações de seu "mundo", de seus valores, de sua organização. O espaço com todas as suas representações é a expressão viva do homem, torna-se um espaço humanizado, aliado ao projeto de sobrevivência do homem, é o seu lugar de liberdade, de segurança, seu lar, seu "lugar".

O mito é um conceito cultural extremamente complexo, por isso trabalharemos com uma conceituação no sentido de compreender qual a relação que o mito estabelece com as atividades diárias e como ordenará o conjunto de valores de um grupo humano, pequeno, semi-isolado e que travará relações com o seu meio ambiente, que lhes serão próprias e fundamentais para sua sobrevivência. Tendo claro que não trabalhamos com uma comunidade primitiva ou selvagem, achamos que o debate na conceituação de mito deve ser flexível o suficiente para abranger o maior número de aspectos possíveis da cultura. Compreendemos o mito como uma narrativa que ordena e mantém simbolicamente a estrutura natural e social do lugar ao relatar a história de um tempo primordial, onde se iniciam as formas de caça, pesca, plantio e classificação do mundo natural e social.

Há uma grande quantidade de conceituação do mito. Alguns irão conceituá-lo de forma reducionista, historicista, positivista, cultural, sociológica, etc., considerando o mito como um produto inferior ou deformado da atividade intelectual. Há os que se perdem no abismo da procura e equivalência entre o mito e a verdade. Há ainda os que buscam ou duvidam da racionalidade do mito. Entretanto, esses são caminhos muito pobres e que não revelam a riqueza do mito

**...o mito não é apenas uma história contada, e sim algo vivido. Não possui a mesma natureza da ficção que podemos ler hoje em um romance, mas é uma realidade viva, considerada como tendo realmente acontecido em tempos primevos e que, desde então, continua a influenciar o mundo e os destinos humanos. (MALINOWSKI, 1986:159).**

**... o mito é um primitivo e desastrado esforço para conceituar o**

**mundos da natureza. (FRAZER, apud CAMPBELL: 1992)**

As concepções de Frazer, (mesmo com o equívoco de considerar o mito como um esforço desastrado) e outros autores como Lévi-Strauss, conceituam o mito em termos cognitivos, enquanto referência para a classificação e conceituação do mundo da natureza. Há outras formulações que apresentam uma conceituação bem mais ampla do mito, em que as interpretações simbólicas desse homem ribeirinho que ao revelar a sua forma de compreensão e das relações travadas com o meio ambiente, mostra-se com toda a sua pluralidade e complexidade:

**... a mitologia, quando submetida a um escrutínio que considere não o que é, mas o modo como funciona, o modo pelo qual serviu a humanidade no passado e pode servir hoje, revela-se tão sensível quanto a própria vida às observações e exigências do indivíduo, da raça e da época. (CAMPBELL: op. cit.; 368)**

Assim, quando vemos o mito como construtor e organizador do lugar, é porque entendemos que esse "lugar" em cada espaço, em cada ponto está carregado de sentido, afetividade e lembrança e marcado pelo sagrado. Ou ainda, vemos o mito como criador de um conjunto de informações que serão acumuladas socialmente e atualizadas através do próprio mito. As narrativas míticas, o espaço mítico são formas de conhecimento que os indivíduos adquirem das tradições e das relações ideais, realizadas no tempo de seus antepassados, e que se tomam a mediadora na relação com a natureza e também se constituem como uma estratégia de sobrevivência do grupo.

Esta concepção torna-se clara quando entendemos que as narrativas míticas organizam as regras sociais, a maneira de agir no espaço. Mas, também não são apenas regras condutoras, são formas de interpretar, classificar, selecionar as espécies animais e vegetais. O pensamento mítico é, portanto, o conhecimento que a população incorpora, atribuindo-lhe um significado. Quando a comunidade não acredita mais em seus mitos, esses são mitos mortos. A comunidade mantém viva a crença no sagrado e esta crença irá alicerçar a luta de resistência, dar-lhe unidade enquanto grupo social participante da construção espacial. O respeito às crenças dos grupos é a abertura da sensibilidade do pesquisador ao que há de mais fundamental para a compreensão dos valores dos grupos e de suas construções espaciais. As práticas míticas não são apenas cartas ou regras de condutas de comportamento, são formas de interpretar, classificar, selecionar as

espécies animais e vegetais, os lugares, a natureza, de preservar as relações sociais tradicionais. Essas são as condições básicas para a existência, por exemplo, do mito do boto, da cobra grande, do curupira.

Esse conhecimento é uma maneira de se orientar no mundo, de se orientar na vida social, de preservação de suas relações sociais tradicionais, de organização de seu espaço mais próximo, mais afetivo que é a formação de seu "lugar". Tal organização espacial mostrará que o lugar é pleno de emoções; essas emoções são plenas de conhecimento incorporado, nascem da vivência, observação e o acúmulo da sensibilidade oriunda do meio ambiente. As tradições, lendas, narrativas míticas nascem e demonstram as relações que o homem deverá ter em termos ideais com a natureza. Ao utilizarmos o termo "lugar" estamos nos orientando pelos depoimentos dos moradores que o usam para definir e estabelecer como ponto de referência a área em que vivem e concebem como parte integrante de sua existência. Diante das ameaças de expulsão sofridas, os moradores oferecem resistência para se manterem no lugar onde nasceram, onde estão seus mortos, onde há fartura e onde há liberdade e onde a "bondade do lugar" manifesta-se. Os mitos, lendas, contos não são, portanto, somente histórias fantásticas, ou "conversa de caboclo" como querem alguns estudiosos da cultura amazônica. Lembrando alguns trabalhos científicos realizados a respeito da Amazônia, já em 1926, Raymundo Moraes tecia severas críticas sobre esses autores:

Exceptuando alguns brasileiros ridículos, que deprimem a pátria por snobismo, com o fito exclusivo na exibição litteraria, raro se encontra uma obra de estrangeiro idoneo, ainda não vindo ao Brasil, que não exaggerem e phantasie a nossa natureza, criando-lhe fauna, flora, água e terra desfiguradas, ao inverso da verdade. Estão infelizmente nesse caso a de Thomas Buckle, *Civilização na Inglaterra* a de Elisée Reclus, *Estados Unidos do Brasil*. O primeiro desses escriptores, cuja mentalidade exaltada a nosso respeito lembra certos lances de Swift, nas *Viagens de Gulliver*, inventa, no forte e doce paiz do pendão auriverde, quadros tenebrosos de arvores desmedidas, de montanhas inaccessiveis, de rios intransponiveis, de animaes formidaveis. E isto com o simples objectivo de humilhar e diminuir o homem que ahi habita, unico pigmeu, na intelligencia e no physico, da página idealizada pelo emminente pensador britânico. (Moraes, 1926,44-45).

Outros autores e trabalhos são arrolados nas críticas de Moraes, e que são relevantes pelo seu conteúdo e pelo tempo em que foram elaborados. A exigência de critérios para falar sobre a Amazônia faz-se necessária até nos dias de hoje. Só muito recentemente o ribeirinho, o caboclo, o seringueiro e o índio estão sendo motivos de

estudos sem o olhar preconceituoso da suposta superioridade de raças e culturas (Da Matta, 1984). Mesmo assim, o "mundo cultural" destes grupos sociais ainda necessita ser desvendado. O fato de viverem em uma área praticamente isolada ao longo de tanto tempo, fez com que a população que para lá se dirigiu com a perspectiva de trabalhar nos seringais, vinda principalmente da Região Nordeste, tivesse um grande aprendizado do "viver na mata" e das características do meio ambiente. O conhecimento acumulado vai recebendo codificações e significados. A tradição encarrega-se de reinterpretar esses códigos, atualizando-os e dando-lhes novos significados. Assim, forma-se a construção interpretativa de seu mundo carregada de sentido, significados e símbolos nascidos dos conhecimentos acumulados no dia-a-dia. Os mitos e as narrações míticas são elementos aos quais os indivíduos atribuem um significado e que por sua vez, orienta-os no mundo. Para as populações ribeirinhas, as codificações estão distribuídas em dois universos distintos: o universo das águas e o universo das matas, cada um contendo um conjunto de representações simbólicas.

Ao estudarmos essas representações simbólicas, verificamos que alguns trabalhos acadêmicos deixavam em segundo plano a análise da organização e interpretação que as populações tradicionais davam ao seu espaço. Sociólogos americanos tentaram provar que "o Brasil, sociologicamente falando, não tinha futuro porque era um país de 'mestiços' e 'mulatos' e de 'sub-raças' 'híbridas' e fracas" (Da Matta, 1984:77). Na Amazônia, a presença da raça negra foi relativamente menor. Mesmo assim, a "preguiça do índio", a "melancolia do negro" e a "cupidez" e estupidez do branco lusitano degradado formaram o retrato traçado para o homem amazônico e, em especial, para o ribeirinho.

Assim, a cultura do homem da Amazônia era entendida sob um ponto de vista preconceituoso. As histórias por eles narradas eram apenas "conversa de caboclo". Não se podia de forma alguma ver a dimensão da riqueza cultural desse povo. Era muito mais fácil chamá-los de preguiçosos. O pujante desafio é encontrar o elo de ligação entre a grande diversificação dos mitos e as narrativas míticas. Porém, como as narrativas míticas são, também, frutos do conhecimento e codificação do meio ambiente que através das formulações sociais organizam o espaço, trabalharemos com essa concepção não no sentido mecanicista de encontrar em cada mito ou narrativa mítica a sua função no ordenamento do grupo social, mas sim de compreender como o grupo social organiza seu espaço e como essa organização

encontra-se representada nos mitos.

**AS ÁGUAS:** Iniciaremos com as representações míticas das águas. Este é um universo de mistérios e encantamentos. O mito de criação e formação do local está ligado à esse universo:

**Quando os primeiros moradores chegaram no Cuniã, em busca da seringa, os índios "mouras" já habitavam as margens dos lagos. Os índios eram grandes pescadores. O chefe da tribo, homem temido, tinha uma filha muito bonita conhecida como Cunhã. Um dia, Cunhã foi avistada por um seringueiro que se encantou com sua beleza, resolvendo roubá-la. Para tanto, passou a vigiar sua maloca esperando uma boa oportunidade. Mas, infelizmente, quando o dia amanhecia, o chefe era sempre o primeiro a sair da maloca, só então os outros índios saíam. Porém, certo dia, Cunhã foi a primeira a sair da maloca e dirigir-se para o lago. O seringueiro não perdeu a oportunidade, agarrando-a e levando-a para sua canoa antes que o chefe aparecesse. Para defender-se, Cunhã passou a debater-se e a morder o seringueiro. Este vendo que Cunhã não ficava quieta deu-lhe várias facadas e atirou seu corpo nas águas do lago e fugiu. Mas Cunhã não morreu, ao contrário, sofreu um "encante" transformando-se na cobra grande e passou a morar no poço preto, local mais profundo do lago. Tornou-se a protetora de Cuniã, a mãe de toda a localidade e se um dia a cobra grande ou os moradores sair de lá, os lagos secarão e um novo "encante" acontecerá fazendo toda a fartura e beleza desaparecerem para sempre" (lenda da Cobra Grande do poço preto, recontada tendo como base vários depoimentos dos moradores de Cuniã, 1990)**

A Cobra Grande mítica se faz presente na vida dos moradores como uma guardiã de seus destinos. Visível para alguns, irreal para outros, porém, reverenciada com respeito pela maioria, fixa morada em local denominado de "Poço Preto", onde ninguém faz idéia da profundidade, embora todo o lagos tenha o cálculo estimado de sua profundidade. Animal gigantesco, poderoso, deixou-se ver para ganhar forma na lenda:

**P: o sr. já viu a cobra?**

**F: já vi ela boiando uma vez. P: mas não pegou ninguém?**

**F: não, nunca mexeu com ninguém. Ela tá aí, eu já ví, eu mais o João Prata, nós vimos a cabeça dela boiando lá onde era o poço dela mesmo.**

**P: e é grande?**

**F: a cabeça dela é mais ou menos assim, uma tronqueira (faz gestos com as mãos)... nós ia pegar tucunaré, eu e mais ele lá do outro lado, aí eu olhei e tava aquele troço boiando lá no meio do lago, "olha João, a cobra tá boiando ali" "cadê?" "olha a tronqueira acolá", "é nada rapaz". Eu disse "é sins". Bom, aí nós tivemos por lá pegando tucunaré eu olhei e já não Lava mais, "eu não disse que era ela? agora atravessa o lago que eu quero ver". Aí nós arrudeamos lá pelo barreiro e de lá varamos pro lado das banda do Ernesto e viemos por esse lado. Não viemos pro lá de jeito nenhum. E era ela, aí passou um cara no avião aí e botando um aparelho e pegando ela, taxa de meia água, então baixaram o avião pra ver direito, ele diz que é uma coisa grande de monstra. Aí o pessoal viram. Tavam no**

**avião, aí baixaram mais um pouco, aí encheram, diz que é uma cobra sem feitio, uma cobra muito grande essa aí. (trecho em uma conversa com um morador que viu a Cobra Grande do Poço Preto, 1992)**

Enquanto pescavam nas proximidades do Poço Preto, os dois observavam a tranquilidade das águas do lago, era final de tarde, o sol ainda presente, só viram o "banzeiro". Então, disseram um ao outro "É a cobra do Poço Preto" e saíram de lá remando o mais depressa que podiam. Esse relato é o suficiente para reafirmar a existência da cobra grande, qualquer morador de Cuniã conta a história dos homens que viram a Cobra Grande do Poço Preto.

Essa "aparição" da Cobra Grande aconteceu no início da década de oitenta, período em que circularam as primeiras notícias de desapropriação do lugar. O mito de criação também sofreu modificações nesse período. O relato do "encante" de "Cunhã" (*Dar a esta índia o nome de Cunhã parece ser urna alteração temporal. Sabemos que "cunhã" é substantivo feminino que significa índia e, por extensão, esposa ou companheira do caboclo, ou do homem branco; do tupi ku'ñña. Cf. Dicionário etmológico de Antonio Geraldo Cunha, 1982. Dispensável, pelo óbvio, dizer que vem deste mito o nome da localidade*) terminava afirmando que se a Cobra Grande fosse incomodada e saísse de seu lugar, os lagos secariam. Após ouvir várias versões do mito, percebi que fora acrescentado que "se os moradores saírem do local", os lagos também secariam. Pelas entrevistas fica claro que os moradores não cogitavam, antes da década de oitenta, a menor possibilidade de serem expulsos do Cuniã, logo, era improvável que antes do conflito eles tivessem cogitado a possibilidade de serem expulsos de seu lugar.

O amadurecimento das reflexões vai formando um quadro interpretativo que mostra algumas respostas. O mito não é estático, não é algo pronto e acabado, ao contrário, está se renovando sempre que a comunidade lhe dê novos significados, novas reinterpretações. Aparentemente, ao ser cogitada mudança de seu espaço, a comunidade que não tem documentos de seus terrenos, não sabe quais são os hectares que lhes pertence, necessitava mostrar que viviam há muito tempo no local, desde os índios; necessitavam dizer que eles precisavam do local e o local dependia de sua presença, se saírem os lagos secarão, a fartura de alimentos desaparecerá, a beleza se encantará. O que é verdade. O mito está absolutamente correto, pois tudo se encantará, o espaço mapeado e codificado pela vida cotidiana, a lembrança de seus pais ensinando os segredos das águas e das matas será

desvinculada de seus referenciais, a vida terá que ser reconstruída em outro espaço, ao longo de outro tempo.

Dessa forma, o mito é uma linguagem que transmite uma mensagem codificada, criada e amadurecida para esses moradores, ao longo de seus cem anos, porém, não é a única forma de expressão da comunidade. Seria ingenuidade imaginar que o mito pudesse ser a panacéia que resolveria seus problemas. A organização da comunidade em Associação é um veículo de reivindicação, a atuação política junto a parlamentares é uma outra. A interpretação mítica é um acréscimo incorporado às estratégias traçadas para permanecerem no local.

A medida em que a comunidade chama o mito da Cobra Grande do Poço Preto ao banco de testemunhas como estratégia de sua defesa, demonstra que o mito pode ser um depositário dos códigos criados para sua orientação no mundo, afirmação de sua cultura, organização social e instrumento de registro da história do grupo.

Assim, vemos as inúmeras representações míticas do boto: há o namorador, o boto que encanta, o curador, o que salva e outras representações. O boto namorador é criação de um tempo e espaço já superado. As narrações míticas falam de um animal que tem o poder de se transformar em homem e encantar e engravidar as mulheres solteiras e namorar com as casadas. São muitos os contos relatados pelos cronistas, entretanto, esse acontecimento mítico da transformação do animal em um homem (ou mesmo mulher), recorre à questão dos valores da cultura tradicional, em particular do homem ribeirinho e o seu viver isolado nas diferentes regiões da Amazônia. O boto namorador toma-se mais compreensível quando levamos em consideração essa origem cultural formada pelo nordestino, índio e amazonense. Para o nordestino chefe de família era inconcebível aceitar que a filha engravidasse e não estivesse casada. Como pai ele teria que "lavar a honra" da família e o fazia expulsando a filha de casa, ou deixando-a na porta de um prostíbulo. Mas como fazer isso em locais isolados pela mata e água? É nesse contexto que o boto entra em cena. Dotado dessas capacidades fantásticas, a mulher não teria "culpa" pois, o boto possuindo poderes de "encantes" e a mulher tendo "um espírito fraco (sic)" não havia possibilidade de resistir aos "encantes" e assédios amorosos do animal. MORAES, descreve o boto como "uma espécie de toninha dos mares frios, *vermelho* (grifo nosso)... é por sua vez o flagelo das donzelas, das casadas e das viúvas..." (MORAES, 1926).

Eliminada a culpa, a filha não precisava ser expulsa de casa e seu filho era aceito pelo grupo social sem nenhuma discriminação, a esposa não precisava ser morta e a viúva poderia sair de seu luto.

Esse é um acontecimento do passado e a sociedade transforma-se, as relações sociais tomam-se mais complexas e mesmo a revolução sexual marcou seus reflexos nas comunidades mais isoladas da Amazônia. Dessa forma, as narrações míticas do boto namorador não foram recriadas. Em Cuniã não foi encontrado nenhum registro dessa atuação do boto.

O boto que encanta tem a sua importância dentro das representações míticas na área. Contado nas mais variadas representações, em duas entrevistas registrei os acontecimentos contados pelos pais dos "encantados":

**P: E o senhor, "seu "Raimundo, acredita em história de boto?**

**RAIMUNDO:** rapaz, eu não tenho crença por muita coisa não, mas o que eu sei é que o bicho é um mistério, e um bicho que a gente não pode mexer com ele, ele malina da gente, a pessoa fica doida, endoia a pessoa, fica doidinho mesmo... ele magnetiza a pessoas, não sei o que é que faz, só sei que a pessoa endoia.

**P: a sua esposa contou uma história sobre o seu filho e o boto, como foi que aconteceu?,**

**R: o meu menino era novinho assim, grandinho, o boto levou ele, ficou doido, passou três dias doido.**

**P: foi aqui?**

**R: não, foi lá no seringal, e ele desapareceu, antes de desaparecer, endoio, ficou doido, o boto, era o boto... tinha um poço grande onde era a colocação de seringa, não deixava a gente dormir de jeito nenhum. Quando ele desapareceu, passou um dia todo desaparecido, e ele disse que eles tinham levado ele, lá tem um lugar que é no fundo do rio, e ele disse que lá era uma cidade, lá onde eles moravam, os botos, tinha um rapaz que eles tinham levado do Rio Purus e tava lá com eles e diz que são umas pessoas de pé grande e olho redondo, uns homens brancos e que é diferente os olhos deles pra mulher deles, bem redondo os olhos e o pé também é bem grande e era ele que apresentavam muitas coisas para eles e davam pra ele comer e ele não comia e levavam ele num quarto, tinha tudo quanto era tipo de instrumento, mandaram ele escolher, se agradasse podia ficar, também não quis. E o rio pronde eles foram era o rio pronde nós morava, diz que era uma rodovia por onde eles andavam, não iam por água, foram e voltaram pela estrada, quer dizer que daí existe alguma coisa de certo, quando nós levamos ele pra casa, ele não deixava ninguém dormir, eles estavam, os botos estavam perto, de noite era uma zoada de boto no poço da casa que eles escorriam até o barranco caiam na água e aquela zoadeira de boto que ninguém podia dormir.**

**P: o senhor rezava nessas horas?**

**R: não, eu nunca usei essas coisas. (trecho de uma conversa com o morador que teve seu filho encantado pelo boto, 1992)**

**Eu vou contar uma história de um boto, um filho meu saiu e foi lá pra bordo do motor, aí ficou, ficou e começou a aparecer boto, mas meu irmão, boto, boto que chega aquilo a coisa horrível assim do lado**

motor, que tinha um motor bem grande, aí todo mundo: não vai não Dona Lóia, não vai não que os botos vai mexer contigo, eu disse: que mexe coisa nenhuma rapaz, os botos é da água e eu sou da terra, aí eu cheguei lá ele tava sentado chorando, aí eu peguei no braço dele e disse Francisco, o que é que tu tá fazendo aqui meu filho? Ele disse: nada, "vamos embora pra casa" ele disse: não vou não mãe, eu disse vamos embora pra casa, deixa de conversa. Aí ele veio, mas menino, os botos era uma coisa horrível, aí quando foi no outro dia de manhã eu fiz o almoço, eles tavam calafetando uma canoa aí no porto. Aí ele subiu, tinha um armazém bem grande aqui, era do velho, tinha um bocado de ferro, umas máquina velha de motor, aí ele pegou uma corda que amarra assim no igapó cheia de anzol pra pescar peixe, aí ele tirou uma arpoeira daquela do pai dele, chegou lá no armazém e enfiou dentro de uma malagueta de ferro que tinha dentro e botou na canoa, "Francisco, o que tu vai fazer com isso menino?" ele disse: vou botar uma groseira, aí eles calafetando a canoa e nem prestaram atenção, aí ele entrou na canoa e remou. Chegou lá no meio mesmo, aí ele amarrou a bicha aqui na perna, pegou aquela redoma de ferro e jogou na água eu tinha aprontado o almoço, aí eu disse: Aírto, vai chamar os meninos lá na beira pra almoçar, aí o Alnério já vinha subindo chorando, o outro meu filho, ele disse: "mamãezinha, o Francisco caiu na água no meio do rio com o ferro amarrado na perna. Eu disse: meu Jesus, agora sim. Aí todo mundo ficou... mais gente, gente, ficou todo povo da vila correr aqui pra vê. Aí nada, mas, como é que ia boiar com aquilo, aí demorou uns dez minutos, aí ele boiou, né, quando ele boiava tinha um boto, parece que era uma coisa enorme aquele botão vermelho, o menino boiava igual a um boto, o boto boiava ao lado dele. Mas naquele dia parece que eu fiquei assim doidinha, já pensou, a gente ver um filho assim? Aí eu fui com dois homens na canoa, aí quando a gente já ia agarrar ele assim, ele afundava e o boto boiava, mas aquele boto era uma coisa enorme né?, até que uma das vezes quando ele foi boiando assim, eu agarrei nos cabelos dele, mas eu não tinha mais força né, aí o outro rapaz que tava na canoa, nós puxamos ele assim pra dentro da canoa e eu escorei ele na minha perna, só você vendo, aquilo tava assim tipo uni catarro, aquela baba né, ele escorado na minha perna todo molão, aí eu passei a mão na cara dele, sacudi assim aquele babeiro que tinha no rosto, aí chupei assim no nariz dele, aí ele só fez assim, tomou aquele fôlego comprido, aquela suspiração, aí o boto assim do lado, o bicho só faltava entrar dentro da canoa, ainda bem que era uma canoa grande, aí nós trouxemos ele para casa. Quando chegou em casa eu disse: Meu filho, por que você fez isso? Ele disse: mamãe, a coisa mais linda que eu já vi na minha vida, no fundo da água parece uma cidade. (...) tinha um padre aí na igreja, aí o padre veio deu nele um cordão de São Francisco e rezou, deu banho de água benta, eu sei que fizeram aquela maior coisa, até que passou aquilo. Aí o padre mandou todo mundo sair de dentro do quarto, mas a casa tava lotada de gente, aqui no terreiro. Depois de muito tempo o padre disse "você entra e conversa com ele". Aí eu fui conversar e ele contou quando tava lá no fundo, tinha uma pessoa que levava assim em cima e afundava de novo... (depoimento de uma moradora que teve seu filho encantado pelo boto na vila de São Carlos, próximo à Cuniã, 1993)

O relato do primeiro encantamento, segundo o pai da criança, começou como vingança por ele ter ferido um boto duas vezes. O boto encantou seu filho e passou a assombrar a vila ao ponto de fazer com que todos saíssem do local. Não tenho maiores dados que possam revelar a transgressão a ponto de se ter desdobrado em um acontecimento tão marcante. São relatos desse tipo que reforçam os aspectos

míticos desse animal e o que gera a decisão dos pescadores em não caçá-los, pois correm o risco de receberem um "encante" dos botos, podem ser vítimas *do panema*, ou seja, falta de sorte na pescaria, "o cara não é feliz na pescaria". Se um pescador mata um boto, esse boto se encanta e passa a afugentar os peixes todas as vezes em que for pescar. O boto causa alguns transtornos aos pescadores quando caem na rede e ficam presos. Nesse caso, quando não conseguem romper a rede, morrem afogados, pois, como são mamíferos, necessita subir à superfície da água para respirar. Nesse caso não há *a culpa* do pescador e ele não sofre represálias. As representações míticas estabelecem seus limites e normas. No mínimo, a espécie é preservada, está protegida atrás do escudo das representações. Entretanto, em alguns lugares do Amazonas e do Pará, o boto está sendo morto para a retirada de seus órgãos sexuais que é vendido nos mercados como afrodisíaco. Essa representação é exterior ao meio dos pescadores tradicionais, e não é uma prática entre os pescadores por onde tenho trabalhado. São outras incorporações míticas à cultura ribeirinha que promovem a captura e ameaçam a sobrevivência da espécie.

O segundo relato de encantamento de boto demonstra, na visão dos moradores, a atuação de uma mãe que não aceita perder seu filho para o boto. Essa opinião se contrapõe com outro encantamento acontecido na mesma área em que uma criança de quatro anos sumiu da beira do rio enquanto sua mãe lavava roupa. Todos procuraram pela criança e veio um curador e disse que a criança se encontrava encantada e que a mãe deveria quebrar o encanto. A mulher recusa-se a executar os trabalhos de desencantamento e os moradores consideram que ela abriu mão de seu filho. Esses relatos foram colhidos em Cuniã e os dois últimos foram recontados pelos moradores de São Carlos e pelos próprios pais. Nos dois primeiros relatos há referências sobre a cidade encantada dos botos. Estas se situam sob as águas dos grandes lagos e rios, os que já visitaram seus domínios e retornaram declaram que é um local de muita fartura, muita música e dança.

A representação mítica do boto curador encarrega-se de aliviar os males que acometem a saúde dos ribeirinhos. Existe uma comunidade às margens do Rio Madeira, denominada Conceição do Galera, onde uma mulher recebe espírito de botos e realiza curas. Seus poderes são conhecidos e citados pelos moradores do Cuniã e por diversas comunidades situadas às margens do Rio Madeira. Suas curas são feitas com chás e banhos de ervas colhidos na mata. Algumas músicas são

entoadas para chamar o boto e para acompanhar as sessões de curas:

**"Taculumim é minha terra  
minha casa de eu morar  
minha cama é de ouro  
onde eu vou descansar..."  
..."Eu vim da jurema  
eu vim da jurema, eu baixei somente  
pra ir curar  
passei lá no alto do morro eu vim da jurema..."  
(Entrevista com moradora de Cuniã,1990)**

As pessoas que recebem "espírito de boto" são chamadas de "curadores" (*Indivíduo que preparado para fazer curas. Pode ser homem ou mulher, à quem os espíritos (do boto, da cobra, de santos etc.) escolheu para receber os ensinamentos. É uma forma de xamã, o conhecedor dos poderes de cura das ervas, chás, emplastos*). Geralmente possuem lugares específicos para os atendimentos, no caso de Conceição do Galera há lugar para abrigar muitas pessoas que chegam em barcos de linha, motor (batelão) e passam pelos rituais de cura durante dias, três, cinco ou mais, conforme o tipo de tratamento. Quando há festejos de santos, o local se prepara para receber grande quantidade de pessoas. Os curadores tratam de diversos tipos de doenças, incluindo os casos de panema e encantamentos, usando os diversos tipos de banho feitos com ervas colhidas na mata, chás, e benzeduras. Os casos mais simples como doenças de criança tipo *quebranto, vento caído, espinhela caída, mau olhado, olho gordo*, são tratados por benzedores que possuem rezas secretas herdadas de geração em geração ou adquiridas dos botos. Essas rezas só são repassadas a alguém com a autorização dos botos, ou quando o benzedor está preparando o seu substituto. Em entrevista com um benzedor, ele encontrava-se preocupado, devido a sua idade avançada (aproximadamente sessenta e cinco anos), porque tinha que repassar as rezas para alguém e esperava que o boto voltasse e lhe indicasse a pessoa que seria instruída. O mito aparece dando um ordenamento à dor e ao sofrimento do indivíduo.

O boto por si é um animal que se diferencia dos demais pelo grau de inteligência que possui, dividindo-se em duas espécies, o boto vermelho e o boto preto, o tucuxi. O boto vermelho, apelidado recentemente de cor-de-rosa, é o que promove curas e que é recebido pelos curadores e benzedores, é maior que o tucuxi e movimenta-se com lentidão. O boto tucuxi é menor e veloz, costuma fazer brincadeiras próximas às canoas, principalmente se houver mulheres de fora ou em fase menstrual. Mulheres nesse período costumam atrair um número razoável

de botos. Ao tucuxi é atribuída, ainda, a capacidade de salvar náufragos. Contam que quando a canoa afunda, ele vai empurrando a pessoa com o focinho até a margem, fato acontecido e presenciado por alguns entrevistados. Alguns pescadores falam de uma terceira espécie, o boto laranja que é o mais perigoso e costuma atacar as pessoas. Mesmo assim, não há registro em área ribeirinhas de que alguém tenha sido atacado por boto. Além dos encantamentos de boto, há os de cobra, sendo atribuído a algumas espécies um poder hipnótico e de panema. Um outra representação mítica das águas é a Mãe D'água que habita em todas as nascentes. Ela é descrita como uma velhinha de cabelos brancos responsável pela oferta da água limpa e pura aos homens e não deixa faltar água para os igarapés e rios: "...ela é uma velhinha, tudo no mundo tem mãe, todo bichinho no mundo tem mãe, a água tem mãe também..." (entrevista com morador do Cuniã, 1990). Todos os locais de "olho d'água" (as nascentes) são vistos com muito respeito pelos moradores de Cuniã. A água limpa sendo ofertada pela Mãe D'água ou afloramento do lençol freático tem um tratamento especial desses moradores, o sagrado está presente nesses lugares, e o respeito e a proteção são mantidos.

Ao acompanhar um pescador em seu dia de trabalho, ele mostrou-nos algumas de suas técnicas de pesca. A canoa desliza silenciosa para baixo de algumas árvores que soltam seus frutos na água, uma delas denominada seringueira barriguda não tem leite e seus frutos formam-se e caem na água e com o passar dos dias apodrecem, "vira puba" e o tambaqui a procura nas proximidades do tronco da árvore. A árvore do capitari produz seus frutos em vagens que ao se aquecerem pelo sol estalam e jogam suas sementes produzindo um pequeno barulho na água. O pescador refaz o barulho da semente ao cair na água para pegar o seu peixe, o instrumento utilizado chama-se "gaponga", uma pequena vareta com um osso arredondado amarrado em uma linha. O peixe é atraído e o pescador joga uma linha com a semente cozida presa no anzol. A semente cozida aparenta a forma apodrecida naturalmente, o cozimento deixa a semente "puba". Há outros frutos que os peixes apreciam como o carauçu, a carurana, a cajurana, a supiarana, o muriru, o mari-mari, a uxirana. Não se pesca próximo da árvore da piranheira, pois o tambaqui, a pirapitinga, a jatuarana que comem esses frutos ficam com a carne amargando. Quando é época de cheia, os lagos que ficam na várzea forma um grande lago, porém, conservam os seus nomes: lago do Campo, do Arrozal, Redondo, Jacaré, Cumprido, Estreladinho, do Arco, Atravessado, da Tapagem, do

Libório, do Liborinho, Cuiarana, Frutal, do Velho, da Sucuriju, do Enviral e dezenas de outros nomes que carregam a história de seu batismo.

Nas águas o pescador ribeirinho, encontra-se a vontade, seguro, o seu sentido de liberdade fica expresso em seus gestos. O encontro do homem e a natureza manifestam-se de maneira ampla, entre cúmplices, entre amigos conhecedores um do outro: homem-natureza, natureza humanizada.

**"Mito e Lugar"** é o trabalho que apresentamos para a obtenção do título de Mestre em Ciências pela Universidade de São Paulo, sob a orientação do Prof. Dr. José William Vesentini, defendido em 1994. As primeiras partes foram publicadas na Revista Presença nos números 09, 10 e 11 e continuarão nos números seguintes.

**\*Josué Costa.** Professor do Departamento de Geografia/UFRO, Pesquisador-Associado do Laboratório de Geografia Humana e Planejamento Ambiental, Doutorando em Geografia Humana pela Universidade de São Paulo.